

**OS REFUGIADOS NO NOTICIÁRIO TELEVISIVO:  
*um modo português de olhar o mundo*<sup>1</sup>**

**REFUGEES ON THE TELEVISION NEWS:  
*a Portuguese way of looking at the world***

*Manuel Antunes da Cunha*<sup>2</sup>

**Resumo:** *Este trabalho analisa a cobertura do Telejornal (RTP1) e do Jornal das 8 (TVI) relativa à chegada massiva de refugiados à Europa, de 3 a 11 de Setembro de 2015, num contexto marcado pela imagem-choque da morte do pequeno Aylan. Partindo dos conceitos de estrangeiro (Simmel) e de estigma (Goffman), procura averiguar o modo como o jornalismo televisivo – enquanto vetor de construção/leitura da realidade social – participa a um modo português de olhar o Outro e o Mundo.*

**Palavras-Chave:** *Refugiados. Jornalismo televisivo. Representações. Portugal.*

---

## Introdução

Desencadeada na sequência da Primavera árabe (março de 2011), calcula-se que a Guerra da Síria seja responsável por cerca de 450 000 mortes e o êxodo de mais de cinco milhões de pessoas – quase um quarto da população –, sobretudo para os territórios limítrofes da Turquia (3 180 000), Líbano (1 000 000), Jordânia (655 000) e Iraque (245 000), mas também para o Egipto (120 000) e Norte de África (30 000). De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR, 2017), entre abril de 2011 e julho de 2017, terão ainda sido apresentados 970 000 pedidos de asilo junto de 37 países europeus, 66% dos quais na Alemanha (507 000) e Suécia (113 000), 21% na Hungria (77 000), Áustria (49 000), Holanda (34 000), Dinamarca (20 000) e Bulgária (20 000) e 15% nos restantes Estados. Nesse período, Portugal terá registado 851 pedidos formulados por cidadãos sírios, ou seja 0,08% do número total das solicitações no Velho Continente. Se a estes acrescentarmos refugiados de outras nacionalidades, entre dezembro de 2015 e agosto de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado à DTI 10 (Comunicação Audiovisual) do XV Congresso IBERCOM, Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017.

<sup>2</sup> Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais (Universidade Católica Portuguesa – Braga), Centro de Estudos Filosófico-Humanísticos (CEFH), Professor auxiliar, manuel.cunha@hotmail.com

2017, foram acolhidos cerca de 1 400 refugiados vindos de Grécia e Itália, dos quais mais de metade terá, entretanto, já abandonado o país (MOLEIRO, 2017).

Em virtude não só da crise humanitária, mas também das consequências políticas, socioculturais e económicas suscitadas nos países de passagem e/ou de acolhimento, um tal fenómeno tem sido alvo de um intenso debate nos espaços público e mediático. Navegando entre o estigma e as manifestações de solidariedade, as questões de ordem geopolítica e o peso das representações pós-coloniais, a imagem do Refugiado tem sido ora materializada na imagem impessoal da multidão em fuga, ora numa galeria de figuras exemplares. No que a este último tipo de representação diz respeito, e para dar apenas dois exemplos relativos ao período em análise, pontificam as imagens do pequeno Aylan, o menino cujo corpo deu à costa numa praia turca, e do ex-treinador de futebol da seleção síria, pontapeado por uma repórter de imagem húngara quando seguia com o filho ao colo.

O nosso corpus é constituído por oito jornais televisivos (20h00) de cada um dos canais portugueses RTP1 e TVI, difundidos entre 3 e 11 de Setembro de 2015<sup>3</sup>, semana de intensa cobertura mediática da chamada “crise dos refugiados”. No decurso deste trabalho de cariz exploratório, centrar-nos-emos na análise da cobertura televisiva, de modo a decifrar esse trabalho de (re)configuração do mundo. Pretendemos identificar a presença e a imagem do Outro (o refugiado sírio). Que lugar ocupa? Quais os principais temas/perspetivas adotados? Que protagonistas são ouvidos/ignorados? Que papel é atribuído a Portugal nesse processo? Haverá diferenças significativas entre a cobertura televisiva dos dois canais?

#### A imagem do estrangeiro

O olhar sobre o Outro é aqui tanto mais complexo que se trata do “estrangeiro”, daquele que, na acepção de Simmel, constitui uma figura social caracterizada por um misto de proximidade e distanciamento. O sociólogo alemão não define este conceito a partir da experiência do “viajante que chega hoje e parte amanhã, porém mais no sentido de uma pessoa que chega hoje e amanhã fica” (1983, p. 182). Não se trata do indivíduo de passagem ou que vive num país distante, mas daquele que partilha o “nosso” espaço físico, sem nele mergulhar as suas raízes. As relações espaciais constituem aliás a condição e o símbolo de

---

<sup>3</sup> Não fazem parte deste corpus o *Telejornal* de 4 de setembro (RTP1) e o *Jornal das 8 de 9 de setembro* (TVI) por não estarem disponíveis em linha.

qualquer relação humana. Neste contexto, Simmel apresenta uma visão positiva do estrangeiro, como sendo aquele que, estando “distante, na verdade está próximo” (p. 183). Passa a ser membro do grupo, da coletividade, embora com um percurso e características peculiares. O autor não esquece, porém, que há outras formas de ser ou de sentir-se estrangeiro, nomeadamente aquela “que rejeita até mesmo aquilo que se tem em comum” (p. 187). Partindo do exemplo da relação dos gregos com os bárbaros, define esta relação como uma não-relação, no âmbito da qual “os estrangeiros não são realmente concebidos como indivíduos, mas como estranhos de um tipo particular” (p. 187). Nesta última acepção, ser estrangeiro é sentir-se estigmatizado.

Não é por acaso que Erving Goffman inicia precisamente a sua obra sobre o estigma com uma análise etimológica, recordando que o termo grego designava as marcas corporais visando a expor publicamente o estatuto inabitual ou detestável da pessoa em causa. Define assim o estigma como “um atributo que desacredita alguém, embora seja mais correto falar em termos de relação do que propriamente de atributo” (1975, p. 13)<sup>4</sup>. Neste âmbito, o conceito de “estrangeiro” está associado à terceira ramificação da tipologia goffmaniana (o estigma “tribal”)<sup>5</sup>, sobretudo vinculada às questões da raça, nacionalidade e religião, que afetam todos os membros duma mesma “família”, de geração em geração (p. 14). Seja qual for a sua configuração, o estigma apresenta sempre os mesmos traços sociológicos: “um indivíduo que poderia ser admitido no círculo das relações sociais ‘normais’ possui uma determinada característica que se impõe, que é de tal modo visível aos olhos de todos os que com ele se cruzam, que deita por terra todos os direitos inerentes a essa relação.” (p. 15).

Inscrevendo-nos na tradição da sociologia compreensiva, e mais concretamente na corrente do interacionismo simbólico, procuramos analisar uma parte dos processos de interação a partir dos quais se pode compreender a “sociedade enquanto rede na qual operam inúmeros atores numa trama de sentido e de valores mais ou menos partilhados, mais ou menos conflituosos” (BRETON, 2004, p. 51). Cunhada em 1937 por Herbert Blumer, a expressão “interacionismo simbólico” designa uma corrente de pensamento que faz das relações recíprocas entre os indivíduos (interações) e os signos relativos a essas trocas (símbolos) um

---

<sup>4</sup> Todas as traduções são da nossa responsabilidade.

<sup>5</sup> As deformações físicas e as taras comportamentais constituem, segundo Goffman, as duas primeiras tipologias do estigma.

objeto de estudo da sociologia. O espaço público constitui um terreno de influências recíprocas nos quais se envolvem atores socialmente situados em contextos sociohistóricos concretos (p. 51). Em suma, como sintetiza judiciosamente Le Breton, “uma interação é uma forma de homeostasia que mantém, no seio de um universo de sentidos, uma interdependência dos atores em presença” (p. 55). Os meios de comunicação social – e, neste caso específico, o jornalismo televisivo – desempenham um papel essencial nesse processo.

Os jornais televisivos produzem narrações diárias sobre a atualidade, participam a esse trabalho de (re)configuração do mundo e do(s) seu(s) sentido(s), à “construção social da realidade” (BERGER & LUCKMAN, 1996). Jean-Pierre Esquenazi (2002) assimila os três atos constitutivos desse trabalho informativo – relatar, explicar e encenar a realidade quotidiana – aos três espaços da sociologia do discurso (produção, carácter discursivo do objeto e receção). Por outras palavras, a *notícia* nasce do encontro entre o jornalista e as suas fontes (espaço *indéxico*), torna-se um *acontecimento* compreensível no âmbito de um quadro narrativo mais amplo (espaço *referencial*), sendo configurada por meio de um dispositivo que instaura um espaço de comunicação entre um *media* e o seu público (espaço *deíctico*). Uma reportagem sobre a chegada de refugiados sírios à Europa é produzida – mas também lida/recebida – tendo como pano de fundo um contexto histórico e sociocultural tangível, um “quadro de interação” (GOFFMAN, 1974) que não podemos ignorar. Dito de outro modo, “cada produto ou tipo de produto [mediático] nasce num espaço já organizado em função de uma rede de opiniões ou de representações já existentes; estas constituem o quadro no seio do qual as diferentes ações fazem sentido” (ESQUENAZI, 2003, p. 97).

O nosso corpus provém de um dos picos de visibilidade mediática da chamada “crise dos refugiados” no espaço público europeu. Estima-se que haja hoje, em todo o mundo, cerca de 65 milhões de pessoas deslocadas (contra a sua vontade), 22,5 milhões de refugiados e 10 milhões de apátridas (ACNUR, 2017), mas foi a chegada massiva de cidadãos maioritariamente oriundos da Síria que veio reacender um debate cujos os contornos integram questões como o peso das relações pós-coloniais e a reconfiguração geopolítica pós-11 de setembro. A crise económica, a ameaça terrorista e o regresso dos nacionalismos são alguns dos vetores a ter em conta nesta nova ordem mundial à qual são confrontados os diversos regimes políticos, o sistema capitalista e o processo de globalização.

## O modo português de olhar o mundo

No caso específico de Portugal, a cobertura mediática não pode ser analisada sem ter ainda em conta a sua história enquanto país de emigração/imigração, embora as categorias de “refugiado” e de “migrante” aludem a estatutos e percursos distintos. Os refugiados atravessam a fronteira para fugir um conflito armado ou a perseguições de natureza diversa. Os migrantes decidem partir para melhorar as suas condições de vida, em busca de trabalho, educação e/ou reagrupamento familiar. A proteção dos primeiros foi definida no âmbito da Convenção da ONU sobre o Estatuto do Refugiados (1951) e respetivo protocolo (1967), assim como em textos legislativos nacionais. Os segundos estão sujeitos à legislação e procedimentos dos países de chegada/acolhimento em matéria de imigração.

Não podemos ainda olvidar que o Estado Novo (1933-1974) recorreu, de forma visceral, ao léxico e ao imaginário lusotropicalista para inculcar uma imagem mítica e essencialista da identidade portuguesa que lhe permitisse, em simultâneo, justificar a manutenção dos territórios ultramarinos e promover a lealdade das comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo (ANTUNES DA CUNHA, 2009). No pós-25 de Abril, as elites nacionais serviram-se ainda da diáspora como “sucedâneo psicológico do antigo império de dimensão mundial” (ROCHA-TRINDADE, 1984, pp. 357-358), de modo a perpetuar no espaço público democrático – com as devidas adaptações ideológicas – a crença num “modo português de estar no mundo” (CASTELO, 1998), característico de um povo de vocação messiânica, cosmopolita e conciliadora.

Como refere Michel de Certeau (1990, p. XLIX), “o legível converte-se em memorável: Barthes lê Proust no texto de Stendhal; o espectador lê a paisagem da sua infância na reportagem noticiosa”. É inegável que a retórica sobre o sucesso da diáspora – e, por sinédoque, de toda a colectividade nacional – constitui um dos grandes chavões do discurso sobre a nossa própria experiência migratória (ANTUNES DA CUNHA, 2017), mas as reportagens dos media nacionais sobre a “crise dos refugiados” também não podem deixar de lembrar, ainda que em filigrana, as tribulações associadas à saída de centenas de milhares de conterrâneos no decurso do último meio século. De 1957 a 1974, foram cerca de um milhão e meio os Portugueses que seguiram os caminhos do exílio e/ou da emigração, dos quais 900 000 – e apenas 350 000 de forma legal – para França (PEREIRA, 2014). Procurando

fugir à guerra colonial, à repressão do Estado Novo e/ou às precárias condições de vida, atravessaram os Pirinéus a pé, “a salto” e com “um passaporte de coelho”, expressões populares que traduzem a rudeza dessa viagem clandestina iniciática, gravada na memória coletiva<sup>6</sup>. Embora em condições bem diferentes, mais recentemente, entre 2007 et 2014, cerca de 730 000 Portugueses deixaram o país, a título temporário ou definitivo, em busca de melhores condições de vida, sobretudo em França, Suíça, Estados-Unidos, Canadá, Brasil, Espanha, Alemanha, Reino Unido, Luxemburgo, Venezuela, Bélgica, África do Sul e Austrália (OCDE/ONU 2013; PIRES *et al* 2014).

Separados por quatro décadas, estes dois grandes fluxos migratórios fazem parte quer da experiência individual e/ou familiar, quer do imaginário nacional, moldando assim as nossas representações relativas àqueles que partem, mas não só... Como lembra Pierre Bourdieu (1987, p. 157), “nada nos classifica mais do que a forma como classificamos outrem”. A propósito da vaga migratória dos anos 1960, o sociólogo Albertino Gonçalves (1996) analisou a forma como os Portugueses residentes olham para os compatriotas que foram tentar a sua sorte no estrangeiro. À semelhança do que acontecera no século anterior com o “Brasileiro”, a figura do “Francês” navega paradoxalmente entre o reconhecimento do mérito pela trajectória efetuada e a estigmatização do estatuto e das práticas socioculturais. Em última instância, a inconsistência do seu estatuto tem origem no seguinte processo: um conjunto de propriedades que o emigrante arvora como símbolo de ascensão social são transformadas pelos residentes – sobretudo os mais diplomados – em estigma<sup>7</sup>.

O mesmo fenómeno de indexação, embora com contornos diferentes, ocorre a propósito do olhar dos Portugueses residentes sobre os imigrantes<sup>8</sup>. A partir dos anos 1990, Portugal ganha o estatuto de país de acolhimento – em pouco mais de duas décadas, o número de residentes estrangeiros em situação legal no território passa de 54 000 (1981) à 450 000 (2008) – o que

---

<sup>6</sup> Em 1967, a longa metragem francesa *O salto* (1967), de Christophe de Chailonge, conta a viagem clandestina, a chegada e a adaptação de um jovem emigrante português na região parisiense. Embora recompensado pelo *Office catholique du cinéma*, o filme foi criticado por não ser muito fiel à realidade migratória portuguesa. Teve, todavia, o mérito de ser o primeiro a tratar desta temática, com recurso a imagens da viagem para França e das condições de vida nas barracas.

<sup>7</sup> De acordo com o autor, o grau de estima dos residentes relativamente aos emigrantes varia em função do nível de instrução, do lugar de residência, do percurso académico do pai e da relação pessoal que o residente nutre com o fenómeno migratório. A severidade dos juízos de valor dever-se-á sobretudo à combinação entre distância social e proximidade física e não tanto às variáveis da idade e do sexo.

<sup>8</sup> O termo abarca aqui apenas a emigração tradicional e não outros tipos de mobilidades transnacionais como a instalação de população reformada por motivos tributários, por exemplo.

## ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação  
XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

Ihe permite pôr temporariamente de lado o seu passado (e)migratório, em busca de uma representação mais lisonjeira de país moderno, desenvolvido e acolhedor. Os discursos a conotação lusotropicalista assomam novamente no espaço público, celebrando desta vez Portugal como terra de acolhimento das minorias étnicas, a maioria das quais oriundas dos ex-territórios ultramarinos. A bandeira da lusofonia torna-se um dos grandes recursos discursivos do Estado português, que assim procura conciliar as sensibilidades europeia e atlântica (CAHEN, 1997), embora o processo de integração das populações imigrantes se revele bem mais complexo (FELDMAN-BIANCO, 2001).

Como ilustram os estudos sobre a representação da imigração e das minorias étnicas na imprensa e televisão nacionais, a imagem do Outro, do estrangeiro, continua carregada de preconceito(s). A título de exemplo, no quinquénio 2003-2008, são sobretudo os acontecimentos associados às categorias “transgressões sociais” e “crime” que trazem esta temática para a ribalta mediática, tendo os jornalistas como interlocutores privilegiados as forças de segurança (CUNHA, 2009, p. 124). Enquanto nos jornais, as estratégias de visibilidade dessas categorias negativas passam sobretudo pelas manchetes, primeiras páginas, fotojornalismo e o uso alternado das fontes anónimas e oficiais, os operadores televisivos privilegiam imagens “exclusivas”, diretos e técnicas de distorção de imagem, havendo ainda ausência de recurso ao contraditório (pp. 126-127). Se na imprensa escrita, podemos encontrar uma certa diferença no tratamento destas temáticas entre os jornais mais populares e os títulos ditos de referência, essas duas lógicas informativas coexistem em cada um dos canais de televisão: “uma nos jornais televisivos que privilegia o espetáculo e a informação superficial; outra nos programas especiais, que promove o aprofundamento dos temas e a informação contextualizada” (p. 128).

A maioria dos trabalhos jornalísticos centra-se nas comunidades instaladas nos grandes centros urbanos, não havendo uma referência sistemática ao estatuto jurídico das pessoas em causa. Por exemplo, no que se refere ao ano de 2008, pouco mais de um terço (37,2%) das peças produzidas pela imprensa escrita menciona expressamente os estatutos de refugiado, apátrida, indocumentado e afins (p. 71). Em jeito de síntese, Isabel Ferín Cunha considera ainda que, à semelhança dos jornais, os operadores de televisão “tendem a não contemplar, na sua programação, os interesses gerais e diversificados dos cidadãos, não assegurando uma informação plural que contribua para a formação cívica dos espectadores” (p. 129). Passados

alguns anos sobre esse diagnóstico, a análise da cobertura do êxodo de refugiados para a Europa também constitui uma oportunidade para aferir se, entretanto, as redações de dois canais de televisão nacionais melhoraram o seu desempenho neste particular.

“Crise/drama” dos refugiados: tempos, protagonistas e lugares

Como já mencionámos, foi constituído um corpus de oito jornais televisivos da RTP1 e da TVI, difundidos entre 3 e 11 de setembro de 2015, de modo comparar a cobertura informativa do serviço público com um concorrente privado. De acordo com os números da GfK/CAEM (2015), na quinta-feira 3 de setembro, o *Jornal da 8* foi o terceiro programa mais visto da TVI (10,2% de rating; 23,4% de share; 969 000 telespectadores), enquanto o *Telejornal* liderou as audiências da RTP1 (8,4% de rating; 20,2% de share; 798 000 telespectadores), situando-se, respetivamente, no sexto e sétimo lugar dos programas mais vistos da televisão portuguesa<sup>9</sup>. No decurso desse período, o *Telejornal* (RTP1) colocou-se sempre entre o sétimo e o décimo quarto lugar do top das audiências nacionais, com o número de telespectadores a variar entre 494 000 (dia 6) e 817 000 (dia 8), enquanto o *Jornal das 8* (TVI) se posicionava entre o segundo e décimo lugar, registando variações de audiência entre 655 000 (dia 4) e 1 187 000 (dia 6) telespectadores. Excetuando os dias 5, 6 e 9 de setembro – datas em que se impôs o *Jornal da 8* (TVI) – o *Jornal da Noite* (SIC) teve sempre mais audiência do que os seus dois concorrentes mais diretos, ficando reiteradamente em quarto ou quinto lugar dos programas mais vistos do dia, com mais de um milhão de telespectadores. Por sua vez, o *Telejornal* (RTP1) foi invariavelmente o terceiro mais visto dos três canais generalistas. As variações de audiência deveram-se em parte à agenda noticiosa<sup>10</sup>, implicando inclusivamente algumas alterações no próprio horário de difusão dos jornais televisivos.

De 3 a 11 de setembro, a RTP1 dedicou 01h13mn52s do seu principal espaço informativo da noite à cobertura da questão dos refugiados, o que corresponde a uma média de 09mn14s por dia, ou seja 17,2% do tempo total de difusão do *Telejornal* (07h09mn06; uma média de 53mn38s/dia). Por seu turno, a TVI consagrou ao mesmo assunto um total de 48mn20s, o que

---

<sup>9</sup> Nesse mesmo dia, o *Jornal da Noite* foi o segundo programa mais visto da SIC (11,2% de rating; 25,8% de share e uma audiência de 1 064 000 telespectadores), sendo o quarto programa mais visto da televisão portuguesa.

<sup>10</sup> Nomeadamente a saída do ex-Primeiro-Ministro José Sócrates do Estabelecimento Prisional de Évora, os jogos amigável (Portugal-França, dia 4) e oficial (Albânia-Portugal, dia 7) da seleção nacional de futebol e o primeiro debate entre António Costa e Pedro Passos Coelho, no âmbito das Legislativas 2015 (dia 9).

perfaz uma média de 06mn3s/dia, ou seja 9,7% da duração total do *Jornal das 8* (08h18mn18s; uma média de 01h02mn17s/dia). Enquanto a RTP difundiu 31 peças/notícias sobre o assunto (quatro por edição, com uma média de 2mn23s/peça) a TVI ficou-se pelas 25 (três por edição, com uma média de 01mn56s/peça). No dia 3, a RTP1 abriu com a tragédia do pequeno Aylan, dedicando as primeiras seis peças do *Telejornal* à chegada de refugiados à Europa (num total de 15mn51s). Por seu turno, TVI nunca iniciou o alinhamento do seu espaço informativo com esta temática, embora a tenha tratado a partir do segundo lugar nos dias 3 e 4, consagrando-lhe respetivamente cinco (10mn20s) e sete (14mn20) peças<sup>11</sup>. No dia 3, o *Jornal das 8* iniciou o tratamento da questão com o anúncio pelo Governo da criação de um grupo para coordenação do acolhimento dos refugiados em Portugal.

De um modo geral, os dois canais não usaram exatamente o mesmo léxico para se referir aos acontecimentos. Uma observação atenta dos títulos atribuídos às diferentes reportagens revela que a TVI preferiu a expressão “drama dos refugiados” – que só não é usada no dia 11 e que a RTP emprega tão somente no dia 5 –, optando o operador público pela designação “crise dos refugiados” a que recorre aliás diariamente (a TVI unicamente nos dias 4 e 10). De facto, no que aos títulos diz respeito, o canal privado privilegia uma narrativa um pouco mais dramática dos acontecimentos – utilizando ainda termos como “tensão”, “choca(r)”, “violência”, “ataque de pânico” –, que se confirma ainda na escolha dos subtítulos, mas também das imagens e dos textos que enquadram a(s) história(s) dos protagonistas desta crise humanitária. No entanto, embora haja uma certa diferença de tratamento por parte dos dois operadores, a natureza trágica dos acontecimentos dificilmente poderia deixar de propiciar uma abordagem de cariz mais emocional do sofrimento que carregam centenas de milhares de pessoas em fuga. Mas serão estes refugiados solicitados pelo dispositivo mediático para falar do seu percurso, verbalizar o seu sofrimento e formular os seus anseios? E de que forma?

Quando olhamos para as fontes mobilizadas, apercebemo-nos que os refugiados constituem um terço dos intervenientes ouvidos no âmbito do conjunto das reportagens. A RTP1 deu a palavra a 96 protagonistas: 30 refugiados (26 homens e 4 mulheres), 29 personalidades e/ou

---

<sup>11</sup> Recordamos, como foi adiantado na introdução, que faltam ao nosso corpus as edições de 4 de setembro (RTP) e de 9 de setembro (TVI). Neste período, a questão dos refugiados começa a ser tratada, respetivamente a partir do 1º, 6º, 15º, 4º, 4º, 9º, 15º e 6º lugar do alinhamento do *Telejornal*, enquanto a TVI a coloca, respetivamente, nos 2º, 2º, 7º, 14º, 6º, 12º, 9º e 17º lugar do *Jornal da 8*.

## ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação  
XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

porta-vozes políticos, 20 com outros estatutos (forças de segurança, jornalistas, população local, etc.) e 17 representantes de organismos internacionais e ONG. Por seu turno, a TVI ouviu 39 pessoas, dos quais 17 refugiados (15 homens e 2 mulheres), 14 personalidades políticas, cinco representantes de organismos internacionais e ONG e três oriundas de outras categorias. O facto do serviço público se diferenciar pelo recurso mais intensivo a enviados especiais explica – parcialmente – algumas dissonâncias entre os dois canais numa cobertura jornalística que, de uma forma geral, tende a remeter ao silêncio e/ou anonimizar a figura de um refugiado com pouca espessura socio-histórica, quase sempre reduzido às contingências do exílio. Nesta narrativa mediática, o refugiado quase nunca tem nome, idade ou profissão, muito menos história, a não ser em casos muito pontuais em que se aprofunda o seu testemunho. É circunscrito ao seu estatuto de indivíduo em busca de asilo. Enquanto um conjunto de protagonistas (políticos, forças de segurança, associações humanitárias, populações locais e jornalistas) falam por ele, quase só lhe resta implorar atrás das grades de um campo de acolhimento temporário, da janela de um comboio ou, de raspão, aquando da passagem das longas colunas de refugiados em marcha. Como nos recorda Elsa Lechner, “os refugiados já estão – e por definição – encapsulados numa designação que os remove da participação regular na sociedade” (2017, p. 639). Nestas imagens difundidas em horário nobre, falam quase sempre homens, em torno dos 20/40 anos, confinados ao aqui e agora. As poucas referências ao passado na terra de origem ou às expectativas de um futuro mais risonho estão profundamente marcadas pela dimensão da tragédia – mas também pela vontade inquebrantável de chegar a bom porto – que agora se vive enquanto simples peão anónimo de um êxodo em marcha. Mas, para além das questões éticas, dar a palavra aos refugiados – como refere o enviado especial da RTP (*Telejornal*, 09/09/17) – nem sempre é tarefa simples: “O exercício da comunicação com a imprensa não é dos mais apreciados por aqui. Quando se liga a câmara para tentar falar com alguém, somos mandados para trás pela policia. Fica o diálogo possível”. Ao longo das várias edições, o telespectador é confrontado com breves excertos onde se concentram frustrações e expectativas<sup>12</sup>:

---

<sup>12</sup> Agradecemos o precioso contributo dos seguintes alunos da UC de Sociologia da Comunicação (Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, UCP/Braga) para a transcrição dos textos: Abel Malongo, Amélia Papai, Ana Lúcia Martins, Cinthia Teixeira, Donaldo Cabral, Guilherme Abreu, Hadian Sangangula, Imbalia Baldé, Iracelma Melo, Isabel Papai, Leonel Gomes, Maria Inês Neto, Mariana Teixeira, Paulo Vundi, Rafaela Pinto, Sofia Araújo, Susana Amorim e Vítor Veloso. Eventuais incorreções são da exclusiva responsabilidade do autor.

## ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação  
XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

A minha família, a minha mãe, o meu irmão... estão aqui, na estação! [Refugiado 1]. Gosto da minha profissão, gosto do meu trabalho, adoro o meu trabalho... E mereço trabalhar. Sim, e... quero ir para a Alemanha, e quero ser um grande cabeleireiro. É o meu sonho, e quero levar a minha mãe e a minha irmã da Síria. [Refugiado 2]. Disseram-nos que íamos para a Áustria. Depois, mandaram-nos sair do comboio nesta estação. Não queremos ficar na Hungria. Queremos ir para a Alemanha [Refugiado 3]. Disseram-nos que querem registar-nos aqui neste país e nós não gostamos, não precisamos disso. Mesmo que nos cortem os dedos, não o fazemos [Refugiado 4]. (*Telejornal*, RTP1, 03/09/15)

Alemanha, Alemanha, Alemanha, Alemanha...[Refugiado 1] Caminhamos 200 quilómetros e podemos caminhar mais. Não se preocupem. Não precisamos de bilhetes, não precisamos do comboio [Refugiado 2]. (*Jornal das 8*, TVI, 03/09/15)

Há lixo a mais, não há casas de banho, não há água para beber, não há um sítio para dormir [Refugiado] (*Telejornal*, RTP1, 08/09/15)

Estamos cansados e cheios de fome [Refugiada]. (*Telejornal*, RTP1, 10/09/15)

[Ouvem-se gritos e crianças a chorar]. Nós somos humanos. Não somos animais. Estamos aqui à chuva há sete horas. Veja, sem roupa, sem casaco, nada, sem comida [Refugiado]. (*O Jornal das 8*, TVI, 10/09/15)

O testemunho dos refugiados reveste duas dimensões, a do testemunho propriamente dito e a do sobrevivente (LECHNER, 2017), materializados num quadro espacial característico. Regra geral, são filmados em lugares de passagem, zonas de trânsito, espaços de fronteira onde não se criam raízes: frágeis embarcações em alto mar, estações de caminhos de ferro, comboios e via férreas, fronteiras terrestres, intermináveis descampados, longas estradas, autocarros ou camiões apinhados, acampamentos de recurso, ruas de localidades até então desconhecidas, entre muitos outros. No caminho, encontram habitantes locais, umas vezes empenhados em prestar-lhes socorro, outras vezes manifestando uma firme oposição a estes estrangeiros indesejados:

Voltem, voltem! Voltem para a Turquia, não pertencem aqui! [uma habitante da ilha grega de Delfos] O sentimento nas ruas da Europa não é afinal assim tão diferente do palco político. As divisões entre os vários países da União Europeia acentuam-se, numa altura em que o Comissário Europeu para as Migrações apela à união [voz off]. (*Telejornal*, RTP1, 07/09/15)

Senhor, volte para trás, por favor! Volte para trás! [Polícia húngaro] (...). Isto não é forma de tratar os refugiados. Que culpa temos nós que o nosso país esteja em guerra? Que culpa temos? [Refugiado] (*O Jornal das 8*, TVI, 08/09/15)

## ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação  
XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

Como vivo cá, tenho que contactar com eles. Obviamente que o nosso instinto de ajudar vem ao de cima. É diferente do que estarmos a ver as coisas na televisão todos os dias, a uma distância considerável. Se há algo em que possa ser útil... [Mónica Silva, portuguesa a viver na Hungria]. (*Telejornal*, RTP1, 11/09/15)

### O pequeno Aylan: da sideração à procura da redenção

Não sendo entrevistadas, as crianças fazem-se ver e ouvir de forma particular, ocupam o ecrã à sua maneira, encarnando de forma paradigmática a desumanidade do estatuto do refugiado. Embora a difusão de imagens de crianças em contexto de tragédias suscite questões éticas, ficaram gravadas na memória coletiva as fotografias – algumas delas premiadas – de Kim Phuc, a menina nua fugindo ao bombardeamento com napalm da aldeia vietnamita de Trang Bang (1972), da agonia da adolescente Omayra Sanchez, nos escombros da localidade colombiana de Armero-Guayabal (1985) ou da menina esquelética prostrada em Ayod, no Sudão, junto de um abutre (1993), para citar os casos mais mediáticos. A imagem do menino sírio Aylan Kurdi, encontrado morto numa praia turca, em setembro de 2015, entrou também diretamente para o panteão desta galeria de figuras simbólicas. Difundido quase até à exaustão, este retrato foi suscetível de provocar, num primeiro momento, aquilo que em psicologia se designa como efeito de sideração, esse estado em que o sujeito é aspirado por uma realidade traumática, uma espécie de bloqueio entre o silêncio e a incapacidade de assimilar, de forma racional, a violência da representação em causa. E, num segundo momento, de transformar simbolicamente a realidade no âmbito do espaço público, gerando alguma mobilização social (ANDRÉS *et al.*, 2016).

Chamava-se Aylan e tinha três anos. Nasceu num país em guerra chamado Síria. Percorreu centenas de quilómetros a pé, ao longo da Turquia. Morreu quase à chegada a uma Europa em paz. O irmão de cinco anos, Galip, a mãe, Rheana, também não sobreviveram ao naufrágio. Só o pai conseguiu chegar a terra com vida. (*Telejornal*, RTP1, 03/09/15)

Há uma imagem que está a provocar uma nova onda de indignação, em relação ao drama dos refugiados. É a imagem do corpo de uma criança de três anos, que deu a costa numa praia da Turquia [Pivô] (...) Antes de a areia lhe tapar a cara, do mar lhe afogar o riso, de o transformar num destroço da humanidade ele era assim [fotografia] ... chamava-se Aylan e tinha um pai, Abdullah (...) Foi o único da família Kurdi a sobreviver, a mulher de 35 anos e os filhos Aylan de três anos e Galip de cinco, morreram na travessia do Mar Egeu. Tentaram a bordo de um fragilíssimo insuflável, com capacidade para dez pessoas, mas carregados com 17 no Sul da Turquia rumo a ilha grega de Kosh. Doze morreram. O pai foi encontrado pela guarda costeira naufrago e inconsciente. E terá sido aqui, na esventrada Kolbani, no norte sírio, onde a tragédia começou. Alguma imprensa relata que, há

## ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação  
XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

cinco meses, a família Kurdi fugiu da guerra, do cerco de terror montado pelo Estado Islâmico [voz off] (*Jornal das 8*, TVI, 03/09/15)

Desta vez, a desgraça tem nome próprio, um contexto familiar, um lugar de origem, um percurso conhecido e até suscita um luto mediático e uma mobilização transnacional. A imagem do pequeno Aylan, que jaz de braços sobre a areia molhada, mobiliza as redes sociais, desencadeia declarações políticas, dá origem a iniciativas solidárias. E, além do mais, coloca a opinião pública internacional e seus dirigentes face às suas próprias contradições. Não é por acaso que, durante essa mesma semana, dois outros acontecimentos/imagens se tornam virais, resgatando – até certo ponto – os telespetadores da desesperança em que tinham mergulhado com Aylan. A narrativa mediática logo encontra dois outros pais, carregando nos braços, para além do limite razoável das suas forças, as respetivas progenituras. Mesmo que extenuado, Laith Majid consegue levar os seus a bom porto, na ilha de Kos (Grécia), obter asilo e emprego na Alemanha. Depois de percorrer meia-Europa a pé, agredido por uma operadora de câmara húngara, o ex-selecionador Osama Abdul Mohsen nunca deixa de manter o seu filho Zaid em segurança, alcançando também ele asilo em Espanha, onde o espera um trabalho numa academia de futebol de Madrid. Outras réplicas iconográficas vão assomando à superfície mediática. Como essa mãe de família cujo filho é salvo *in extremis* da morte no Mediterrâneo, precisamente no mesmo lugar onde falecera Aylan... “Agora a história teve um fim diferente”, conclui a voz off, em busca de uma certa redenção.

O atual drama de refugiados tem sido marcado por imagens muito fortes, muito intensas. Uma delas a de um pai que chora com os dois filhos nos braços, momentos depois de chegar de barco à ilha de Kos, na Grécia. Essa imagem correu o mundo. Agora, um mês depois, essa família iraquiana chegou à Alemanha, onde pediu asilo e onde já encontrou emprego [Pivô]. O rosto do pai que segura os filhos como quem segura as suas vidas. Um sofrimento que se mistura com a emoção de pisar terra firme depois de uma jornada horrível no mar. A fotografia foi captada por um repórter do *New York Times*, na ilha de Kos, na Grécia, em agosto. Mostra Laith Majid, de 44 anos, com a filha Nour de apenas sete ao colo. Taha, o rapaz de nove anos é afagado pela outra mão. A imagem correu o mundo e serviu para demonstrar o sofrimento dos refugiados que fogem da guerra e tentam encontrar a paz na Europa. Para esta família, a longa jornada teve agora a sua recompensa (*O Jornal das 8*, TVI, 08/09/15)

E ainda na Hungria, uma repórter de imagem foi filmada a pontapear refugiados incluindo uma criança e um homem com o bebé ao colo. As imagens provocaram uma onda de reações. A jornalista foi despedida [Pivô]. (...) Petra, repórter de imagem húngara, ela própria filmada agredir. E se dúvidas houvesse quanto à real

## ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação  
XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

intenção da jornalista, registre-se mais este momento. Petra estava ao serviço de uma televisão local tida como nacionalista e próxima de um movimento de extrema direita. As imagens foram registadas por Stefan, repórter de imagem da televisão alemã RTL. Em poucas horas o vídeo tornou-se viral e a jornalista foi despedida. (*Telejornal*, RTP1, 09/09/15)

O desastre esteve quase a acontecer novamente, na mesma estância turca onde morreu o menino de três anos, Aylan. Também desta vez, uma mãe desesperada caiu à água com o seu filho ainda bebé. Mas agora a história teve um fim diferente [voz off] [ouve-se a mãe a gritar “baby, baby, baby”] (*O Jornal das 8*, TVI, 11/09/15)

### O acolhimento europeu: tribulações e intransigências *versus* solicitude portuguesa

No âmbito do nosso estudo de caso, emergem algumas dissimilaridades narrativas entre os operadores televisivos. Enquanto os enviados especiais da RTP seguem – com passagem pela Macedónia, Sérvia e Hungria – algumas colunas de refugiados, a TVI recorre quase exclusivamente às imagens das agências internacionais. O primeiro canal partilha mais histórias originais na primeira pessoa que dão corpo aos números e mapas de cariz pedagógico quase diariamente apresentados pela redação. As reportagens sobre comboios a abarrotar, o desespero de casais/famílias retidos na fronteira, as arriscadas travessias do Mediterrâneo, as doenças, entre outras abordagens, permitem oferecer às audiências do *Telejornal* uma representação mais pormenorizada do calvário das famílias sírias.

Eram cerca de três mil a tentarem entrar num comboio com pouco mais de 300 lugares e o resultado foi este [tumulto para subir nas carruagens]... Depois de dois dias à espera de sair da Hungria, os refugiados procuraram por todos os meios não perder o comboio, que os devia levar primeiro a Áustria, e depois a Alemanha. [Enviado especial]. (*Telejornal*, RTP1, 03/09/15)

O desespero dessa família espelha, o sentimento dos refugiados que estão na Hungria, e não querem lá ficar... O casal sentiu-se enganado pelas autoridades, e o homem tomou medidas desesperadas [deitar-se nos carris a mulher e filho]. Foi detido. A mulher ficou com a criança nos braços, num pranto. Estão entre as centenas de pessoas levadas para estação de Bickse, na zona leste do país junto a um grande campo de acolhimento. Mas, quando partiram do centro de acolhimento o comboio mostrava a bandeira alemã e o destino final deveria ser Munique. (*Jornal das 8*, TVI, 03/09/15)

Mais um autocarro cheio de gente, com pouca bagagem, mas ainda carregados de sonhos. Em autocarros como este, só hoje três mil pessoas atravessaram a fronteira. Nos últimos três dias, foram nove mil. Os refugiados vão entrar na União Europeia. Nuno Tavares e Ricardo Alexandre, RTP, na fronteira entre a Sérvia e a Hungria. (*Telejornal*, RTP1, 08/09/15)

## ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação  
XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

Nesta pequena embarcação de borracha não cabe nem mais uma pessoa. São imagens únicas, captadas por um jornalista sírio que também quis fugir da guerra e da miséria com a família. O pânico é constante, mas a alegria de chegar com vida é ainda maior. Vieram da Turquia, desembarcaram em Lesbos, a ilha que está a rebentar pelas costuras [voz off]. (*Telejornal*, RTP1, 08/09/15)

Não têm muito a perder. Já perderam tudo. Já perderam a casa. Já perderam, muitos deles, familiares. Perderam o país. Deixaram de ter chão. Fizeram uma viagem longa. Os formalismos das autoridades húngaras obrigam-nos a esperar ainda mais e, por isso, decidiram avançar para esta forma de protesto. Cerca de duas centenas de refugiados bloquearam esta estrada, junto a Röszke, esta noite. Fizeram um protesto. Sentaram-se no meio da estrada, estão cercados pela policia, que vai tentando convence-los a entrar para os autocarros. Uma mulher grávida, foi mais difícil de convencer a levantar-se. Foi levada, por fim, por uma equipa da cruz vermelha húngara. A criança não nasceu ali no meio da estrada. Röszke não é nome que uma Síria dê ao filho [Enviado especial]. (*Telejornal*, RTP1, 09/09/15)

Esta mulher não consegue respirar e está cheia de frio. Os familiares já despiram os casacos para tapa-la, mas pouco mais podem fazer. Há famílias inteiras a dizer que há crianças a passar fome, incluindo recém-nascidos, e que não têm roupa, apesar do frio. Este pai vai entretendo o filho enquanto caminha, é uma vitória chegar aqui. A maioria passou o último mês a andar. Atravessaram o deserto, o Mar Mediterrâneo, a Macedónia e a Sérvia. Finalmente, têm a fronteira a vista (*Telejornal*, RTP1, 11/09/15).

Neste contexto específico, a Hungria encarna a intransigência europeia, patente em episódios como a distribuição impessoal de alimentos de primeira necessidade, a postura dalguns membros das forças de segurança e, sobretudo, na construção de um imponente muro de arame farpado de três metros e meio de altura, metáfora da ausência de solidariedade no concerto das nações.

Da Hungria chegaram imagens de um centro de acolhimento onde a polícia literalmente atirou comida para o meio da multidão esfomeada. A organização humanitária acusa as autoridades húngaras de tratar os refugiados como animais. O Governo diz que a culpa é deles, porque não colaboram com a polícia na distribuição. [voz off]. (*O Jornal das 8*, TVI, 11/09/15)

A Hungria continua a levantar uma barreira com 175 quilómetros para impedir a entrada dos refugiados. Um muro com três metros de altura para barrar assim o avanço daqueles que fogem da guerra e da fome. A reportagem dos enviados especiais da RTP, Ricardo Alexandre e Nuno Tavares [Pivô]. É para ficar pronto o mais rápido possível, diz à RTP, de microfone desligado, o capitão que nos recebe na fronteira nos campos de Klebia que separam a Hungria da Sérvia. No topo desta vedação, ainda falta o arame em forma de concertina, variante mais sofisticada do arame farpado. Vai ficar com três metros e meio de altura, ao longo dos 175 km que separam os dois países. (...) Com empenho, o exército faz avançar a obra, mas para muitos este muro, é um muro da vergonha, numa Europa sem fronteiras do séc. XXI. (*Telejornal*, RTP1, 10/09/15)

## ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação  
XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

Por seu turno, a Portugal é atribuída uma postura humanista atestada pela pronta solicitude do Governo e a hospitalidade de diversos municípios, o sucesso das missões humanitárias dos militares da Guarda Nacional Republicana no Mediterrâneo, o empenho da Igreja portuguesa e do tecido associativo, as declarações de (ex-)responsáveis internacionais e locais ou até mesmo o apoio da seleção nacional de futebol. Como se veio a confirmar no decurso dos meses posteriores, a simples chegada de meia-dúzia de refugiados a um concelho do interior do país converte-se num acontecimento mediático (*media events*), dando lugar a uma cobertura quase celebratória da capacidade de acolhimento de um país descrito como terra prometida do refugiado, mesmo se uma tal leitura tem vindo a ser desmentida pela verdade dos factos (LECHNER, 2017, p. 638).

Quinze municípios portugueses já se manifestaram disponibilidade para receber refugiados e ajudar na sua integração em Portugal, mas o acolhimento não é só de agora. A 11 de setembro, vai chegar a Penela, perto de Coimbra, um grupo de 20 refugiados, ao abrigo de um outro processo, que começou em 2014 [Repórter]. (*Telejornal*, RTP1, 03/09/15)

No último treino antes do jogo, os jogadores, fizeram um minuto de silêncio para homenagear milhares de refugiados que têm chegado a Europa [Pivô]. (...) Não é só por nós um ato de reflexão, mas deve ser para o mundo um ato de reflexão, porque isto é abominável. Temos todos que refletir nisto e perceber que não vale a pena... [Fernando Santos, selecionador nacional] A mensagem de Portugal para o mundo, depois da reflexão a bola começou a rolar [Repórter]. (*Telejornal*, RTP1, 03/09/15)

Portugal pode receber quase 5 000 refugiados. As primeiras pessoas podem chegar já no próximo mês. A Comissão Europeia quer que a Europa apoie mais 160 000 refugiados, com caráter obrigatório. A Alemanha poderá receber 31 000 [Pivô]. Será o fim de uma longa viagem. A chegada de refugiados a Portugal pode começar já daqui a um mês [voz off]. (*Telejornal*, RTP1, 09/09/15)

Militares da GNR participaram numa missão europeia de resgate a refugiados imigrantes no Mediterrâneo. Durante três meses, os militares portugueses salvaram mais de três mil pessoas que arriscavam a vida para chegar aqui, à Europa [Pivô]. (...) Um dos episódios foi vivido comigo a bordo. Havia uma embarcação com mais de 50 imigrantes, muitos deles eram crianças e bebés. Um deles tinha cerca de dois meses, fartava-se de chorar porque esta embarcação encontrava-se há cerca de quatro horas no mar à deriva, debaixo de sol... Não tinham qualquer tipo de proteção, não tinham água, não tinham comida, não tinham nada. Aquelas crianças a chorar, de certa forma, mexeram com os nossos corações, com a nossa vida [Sargento C. Gil]. (*Telejornal*, RTP1, 10/09/15)

Um apelo [do Papa] dirigido a todas as comunidades religiosas da Europa e imediatamente acolhido pela Igreja Católica portuguesa que promete ajudar pelo

## ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação  
XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

menos quatro mil famílias de refugiados. Um tipo de apoio diferente do que habitualmente as paróquias e dioceses estão habituadas a oferecer [voz off] (...) O Cardeal Patriarca de Lisboa que, num encontro esta segunda-feira em Roma, ouviu ainda de Francisco um rasgado elogio ao bom senso da Igreja Católica portuguesa. (*O Jornal das 8*, TVI, 07/09/15)

É uma obrigação do Direito Internacional. A Europa tem a obrigação de acolher os refugiados que chegam à Europa a pedir asilo. (...) Venho do meu país, de Lisboa, onde foi criada uma plataforma com dezenas de instituições da sociedade civil. Espero que os Governos ouçam esta voz de solidariedade do povo [António Guterres, Alto Comissário da ONU para os Refugiados]. (*O Jornal das 8*, TVI, 08/09/15)

### Referências

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS (ACNUR), Syrian regional refugee response. **Inter-agency information portal**. 2017. Disponível em <http://data.unhcr.org/syrianrefugees/regional.php> (último acesso: 01/10/2017).

ANDRÉS, Susana de; NOS-ALDÁS, Eloísa & GARCÍA-MATILLA, Agustín, The transformative image. The power of a photography for social change: the death of Ayla, **Comunicar, Revista científica de educomunicación**, 47 (XXIV), pp. 29-37, 2016.

ANTUNES DA CUNHA, Manuel. **Les Portugais de France face à leur télévision. Médias, migrations et enjeux identitaires**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2009.

ANTUNES DA CUNHA, Manuel. L'émigration à l'écran: la rhétorique du succès. La série documentaire *Portugueses pelo mundo*, **Cahiers de l'URMIS**. n° 17, 2017. Disponível em <http://urmis.revues.org/1462> (último acesso: 01/10/2017).

BERGER Peter & LUCKMANN, Thomas. **La construction sociale de la réalité**, Paris: Armand Colin, 1996

BOURDIEU, Pierre. Espaces social et pouvoir symbolique, in IDEM, **Choses dites**, Paris, Minit, 1987.

BRETON, David Le. **L'interactionnisme symbolique**. Paris: PUF, 2004.

CAHEN, Michel. Des caravelles pour le futur? Discours politique et idéologie dans "l'institutionnalisation" de la communauté des pays de langue portugaise, **Lusotopie**, pp. 391-433, 1997. Disponível em <http://lusotopie.sciencespo Bordeaux.fr/cahen97.pdf> (último acesso: 01/10/2017).

CASTELO, Cláudia. **'O modo português de estar no mundo': o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa: 1933-1961**, Porto: Edições Afrontamento, 1999

CERTEAU, Michel de. **L'invention du quotidien 1. Arts de faire**. Paris: Gallimard, 1990.

CUNHA, Isabel Ferín. **Imigração e diversidade étnica, linguística, religiosa e cultural na imprensa e na televisão: 2008**. Lisboa: ERC, 2009.

## ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação  
XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017

ESQUENAZI, Jean-Pierre. **L'écriture de l'actualité. Pour une sociologie du discours médiatique**, Grenoble: PUG, 2002.

ESQUENAZI, Jean-Pierre. **Sociologie des publics**. Paris : La Découverte, 2003.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Brazilians in Portugal, Portuguese in Brazil: constructions of sameness and difference, **Identities**, 8 (4), pp. 607-650, 2001.

GfK/CAEM, **Audiências televisão**. 2015. Disponível em <https://www.atelevisao.com/category/audiencias/> (último acesso: 01/10/2017).

GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis. Essays on the organization of experience**, New York : Harper & Row, 1974.

GOFFMAN, Erving. **Stigmate. Les usages sociaux des handicaps**. Paris : Minuit, 1975.

GONÇALVES, Albertino. **Imagens e clivagens. Os residentes face aos emigrantes**. Porto, Afrontamento, 1996.

LECHNER, Elsa. Narratives in|with and beyond borders: constraints and potentialities of biographical research with refugees, a/b: **Auto/Biography Studies**, 32:3, 2017, pp. 637-643.

MOLEIRO, Raquel. 350 refugiados têm de regressar Portugal, **Expresso**, 10 de setembro de 2017. Disponível em <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2017-09-10-350-refugiados-tem-de-regressar-a-Portugal>

OCDE/ONU. **Les migrations internationales en chiffres**. 2013. Disponível em <http://www.oecd.org/fr/els/mig/les-migrations-internationales-en-chiffres.pdf> (último acesso: 28/05/2015).

PEREIRA, Victor. **A ditadura de Salazar e a emigração (1957-1974)**. Lisboa : Temas e Debates, 2014.

PIRES, Rui ; PEREIRA, Cláudia ; AZEVEDO, Joana & Ribeiro, Ana. **Emigração portuguesa. Relatório estatístico 2014**, Lisboa : OE, Rede Migra, IUL & DGACCP, 2014.

ROCHA-TRINDADE, Maria-Beatriz. Le dialogue institué, in M. ORIOL (dir), **Les variations de l'identité. Étude de l'évolution de l'identité culturelle des enfants d'émigrés portugais en France et au Portugal, Rapport ATP/CNRS**, Nice, 1984, pp. 357-378

SIMMEL Georg. O estrangeiro, in E. MORAES FILHO (org.), **Simmel**, São Paulo : Ática, 1983, pp. 182-188.